



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

HOMENAGEM A CAMILO CASTELO BRANCO.

MEIRA, João de

Ano: 1921 | Número: 31

Como citar este documento:

MEIRA, João de, Homenagem a Camilo Castelo Branco. *Revista de Guimarães*, 31 (3) Jul.-Set. 1921, p. 181-189.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

HOMENAGEM

A

CAMILO CASTELO-BRANCO (1)

Faz hoje 77 anos que, no Largo do Carmo em Lisboa, nasceu, filho de Manuel Joaquim Botelho Castello-Branco e de D. Jacin'a Rosa de Almeida do Espírito Santo, aquele que havia de nobilitar-se nas letras com o nome mais que todos glorioso de Camilo Castello-Branco.

Poucos anos depois, morta a mãe e quasi simultaneamente o pai (*Bohemia do Espirito*, pág. 384), Camilo que já aprendia a Gramática do Lobato (1834) com o professor Minas Júnior da rua dos Calafates (*Nas Trevas, O visconde d'Ouguella*, pág. 9) saiu para o Porto, (1835) com destino a Vila Real, no Vapor Jorge IV (*No Bom Jesus do Monte*, pág. 16).

Acompanhavam-no sua irmã mais velha e uma criada (Idem, pág. 16).

Ao chegarem à vista da cidade, havia muito mar, que os obrigou a arribar a Vigo; daí por Tui, Valença e Ponte do Lima vieram a Braga, (Idem, pág. 17) onde a criada satisfez uma promessa ao Senhor do Monte, formulada em hora de apuros, quando bolsava as tripas com o enjoo, (*Bohemia do Espirito*, pag. 384).

Encaminharam-se depois para Vila Real de Trás-

(1) Vem reproduzido no «Germinal» n.º 12, de Julho de 1902, sob o título «Camilo — (esboço biographico)» e a dedicatória «Ao snr. Silva Pinto — unus ex discipulis quem diligebat. — Joan. XIII, 23».

-os-Montes, onde foram habitar com D. Rita Caldeirão Castelo-Branco de quem se fala no *Amor de Perdição*.

Parece que o futuro romancista não gostou muito desta tia, pois que lhe fugiu para Lisboa (1837) com um par de piúgas e duas camisas atadas num lenço, (*No Bom Jesus do Monte*, pág. 21).

De volta a Vila Real, o que foi no mesmo ano (*Novellas do Minho, O Degredado*), sua irmã casara na Samardan com um médico irmão dum padre.

O padre, que era aquele António de Azevedo a quem, volvidos muitos anos, Camilo havia de dedicar *O Bem e o Mal*, principiou a sua educação literária.

Rezavam juntos o breviário (*Seroens de S. Miguel de Seide*, 3.º, pág. 68); então aprendeu Camilo rudimentos de cantochão e pôde ler Fernão Mendes Pinto e Camões (*O Bem e o Mal, Ao anoitecer da vida*, pág. VIII).

Um dia, com 16 anos (1841), vindo a Friúme, apaixonou-se por Joaquina Pereira com quem casou pouco tempo volvido.

Por iniciativa do sogro (*Alberto Pimentel*) veio frequentar preparatórios e depois a Politécnica do Pôto (1843) e a Escola Médica. Fêz acto de química em 1844 (*General Carlos Ribeiro*, pág. 23), passando *nemine*, graças a um condiscípulo que lhe ensinou o ponto (*Cavar em ruínas*, pág. 248).

Em 1845 foi para Coimbra, onde estava ainda em 1846 frequentando o latim de um padre Simões (*Cancioneiro Alegre*, pág. 22, volume 2.º) ou dr. Dinis (*A mulher fatal*).

Quando as aulas fecharam nesse ano, por causa da Maria da Fonte, partiu de Coimbra para Vila Real. A' saída de Penafiel êle e um companheiro encontraram a guerrilha de Milhúndres, que os agregou na qualidade de proclamadores. Retrocederam à vila e fugiram no primeiro ensejo (*Memorias do Carcere*, pág. 23). Nesse mesmo ano de 1846 representou-se em Vila Real o drama em 5 actos *Agostinho de Ceuta*, primeira obra de teatro que compôs.

Um ano antes estreara-se em verso com os *Pondunores desagradados* e com o *Juizo Final e Sonho do Inferno*, raros opúsculos satíricos.

Foi então que tendo-se encontrado com Patrícia

Emília de Barros fugiu com ela para Coimbra, embora sua mulher fôsse ainda viva, pois só veio a morrer no ano seguinte (1847).

Um tio afim pediu a sua captura e reteve-os presos na cadeia da Relação de 9 a 23 de Outubro.

Em 1848 publicou *A Murraça* poema herói-cômico com algumas pretensões à paródia dos *Luziadas*.

E' dêsse ano também o *Maria não me mates que sou tua mãe*, folheto para o povo relatando um crime de assassinato.

Em 1849 publica o drama *O Marquez de Torres Novas* (*Henrique Marques*) e grande cópia de produções no *Nacional* (*Alberto Pimentel*).

Por êsse tempo tomou parte nas célebres lutas de partidários de cantoras. Era contra a Dabedeille, por Clara Belloni a quem dedicou uma poesia inserta nas *Inspirações* (*Henrique Marques*) e mais tarde nas *Duas Epochas da vida* e a quem levantou um brinde no restaurante da Ponte de Pedra em meio de parciais da contrária (*Seroens de S. Miguel de Seide*, pág. 16 do 2.º, *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado*, pág. 166).

Nesses conflitos surgia armado de um *casse-tête*, o mais formidável de quantos há memória. De um lado uma sôga formava-lhe aselha para passar no pulso, do outro tinha um chavelho de veado e uma asa de ferro; além disso uma baioneta de dois palmos saía de dentro em momentos propícios (*R. Ortigão*).

Fazia parte do grupo de *Leões* terror de pais de família pela irresistível fascinação que exerciam sobre as meninas solteiras e sobre as mulheres casadas. Os seus companheiros e amigos eram Evaristo Basto (*Duas horas de leitura*, pág. 71 e seg., *Obulo ás creanças*, pág. 168), D. João de Azevedo (*Esboço d'apreciações litterarias*, pág. 7 e seg., *No Bom Jesus do Monte*, pág. 26 a 35), Jorge Artur de Oliveira Pimentel, (*Mulher fatal*, pág. 51, *Obulo ás creanças*, pág. 21), José Augusto Pinto de Magalhães, (*No Bom Jesus do Monte*, pág. 91 a 145), José Barbosa e Silva, (*Duas horas de leitura*, pág. 75 e seg., *Esboços e apreciações litterarias*, pág. 39 e seg.), Gonçalves Basto, (*Noites de Lamego*, pág. 149, *Suicida*), Manuel Osório Negrão, (*Maria da Fonte*, pág. 248).

Em 1850 publica *O Clero e o Senhor Alexandre Herculano*. Cede o manuscrito a um militar empobrecido que colhendo fartos lucros quer dar-lhe metade. Não aceita e o militar compra com o dinheiro destinado ao escritor um bilhete de loteria que lhe saiu premiado.

Nesse mesmo ano a *Semana de Lisboa* começa a inserir o *Anathema*, saído em volume no ano seguinte.

De 1850 a 1852 frequenta as aulas do Seminário com tenção de se ordenar.

Depois publica sucessivamente: *Revelações* em 1852, *Um livro* em 1854, *Duas epochas da vida* em 1854, *Folhas caídas apanhadas na lama* em 1854, *Mysterios de Lisboa* em 1854, *A Filha do Arcediago* em 1855, *Scenas contemporaneas* em 1855, *Livro Negro do Padre Diniz* em 1855, *A neta do Arcediago* em 1856, *Onde está a felicidade?* em 1856, *Um homem de brios* em 1856, *Justiça* em 1856 (Henrique Marques).

Em 1857 estava em S. João de Arga, arrabaldes de Viana (Alberto Pimentel). Lá escreveu *Carlota Angela* e *Scenas da Foz*. Nesse ano apareceram mais: *Duas horas de leitura*, *Lagrimas abençoadas*, *Espinhos e flores*, *Purgatorio e Paraizo*. *Carlota Angela* veio à luz no ano seguinte com *O que fazem mulheres e Vingança*.

De 1858 datam as suas relações com D. Ana Plácido, esposa de Manuel Pinheiro Alves. Em princípio de 1859, depois de largo escândalo, os dois partem juntos para Lisboa de onde pouco tempo corrido regressam ao Pôrto indo hospedar-se no Hotel do Cisne.

Há um momento de arrependimento.

D. Ana chega a recolher-se a um convento de Braga; mas demora-se apenas um mês. Volta ao Pôrto com Camilo e vão morar na Foz, depois do que tornam a Lisboa.

Em dezembro dêsse ano Pinheiro Alves manda procuração para serem querelados os adúlteros.

Há várias demoras no processo.

D. Ana volta ao Pôrto no vapor «Luzitânia», vai a Famalicão e Santo Tirso. Junta-se a Camilo que havia ficado atrás e regressam à cidade (*Alberto Pimentel*).

D. Ana é presa em 6 de Junho de 1860 (*Alberto Pimentel*).

Em Maio, Camilo perseguido havia saído do Pôrto, caminho de Samardan (*Memorias do Carcere*, pág. VI e XII). Retrocedeu porém ao ponto da partida (Idem, pág. XIV). Saiu segunda vez acompanhado de seu cunhado Francisco de Azevedo (Idem, pág. XV). Poucos dias passados, tornou ainda ao Pôrto (Idem, pág. XVII). Daí veio a Guimarães (Idem, pág. XVII), pernoitando na hospedaria da Joaninha, que ficava ao lado do edificio dos Paços do Concelho. De Guimarães foi a Briteiros (Idem, pág. XX) e daí para o Ermo (Idem, pág. XXI). Do Ermo torna às Taipas (Idem, pág. XXXII) e das Taipas ao Ermo, passando em S. Torcato e na Cruz de Lestoso (Idem, pág. XXXIII). Vai a Samardan (Idem, pág. XXXIV). Por Amarante (Idem, pág. XXXVII) vem ainda a Briteiros (Idem, pág. XLI) visitando a Citânia (Idem, pág. XLII) e o Bom Jesus do Monte (Idem, pág. XLIII). Tornou mais uma vez a Vila Real (Idem, pág. XLVII) e só então, voltando ao Pôrto em meados de Setembro, recolheu à cadeia no primeiro de Outubro (Idem, pág. XLIX).

Cuidava ver-se livre depressa, em dezembro dêsse mesmo ano (Cart.s publicadas no *Independente*, n.º transacto).

Habitou um quarto de malta de onde tinha saído para a forca o conselheiro Gravito (*Memorias do Carcere*). Foi aí visitado duas vezes por El-Rei D. Pedro V (Idem).

Entrado no cárcere, começou traduzindo a *Arte de ser feliz* de Droz, (*Correspondencia epistolar*, 2.º vol., pág. 21), o *Romance d'um rapaz pobre* de Feuillet e a *Fanny* de Feydeau (*Memorias do Carcere*).

Escreveu capítulos dos *Annos de prosa*, alguns dos *Doze casamentos felizes*, o *O romance de um homem rico* e o *Amor de Perdição* (*Memorias do Carcere*).

Absolvido em 16 de Outubro de 1861, foi para Lisboa com D. Anna.

De 1860 a 1862 publicou Camilo:

Abençoadas lagrimas, *O Morgado de Fafe em Lisboa*, *Doze casamentos felizes*, *O Romance de um homem rico*, *As Tres*

Irmãs, O ultimo acto, Amor de Perdição, Memorias do Carcere, Coisas espantosas, Coração, Cabeça e Estomago e Estrellas funestas.

Em 1863 nascia Jorge Camilo, morria Pinheiro Alves e Camilo (ao tempo na casa de saúde do Largo do Monteiro onde escreveu a dedicatória de *O Bem e o Mal* e uma carta a Ernesto Biester sôbre Joaquim Pinto Ribeiro inserta nos *Esboços de apreciações litterarias*) sentia no mesmo p.sso uma inexplicável s nsação de asfixia, como se mão invisível procurasse estrangulá-lo (*Alberto Pimentel*).

Tendo de prover à sustentação de uma família, a sua actividade não conhece limites.

Nesse ano publica mais :

Annos de Prosa, O Bem e o Mal, Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado, Estrellas Propicias, Memorias de Guilherme de Amaral, Noites de Lamego, Scenas Innocentes da Comedia Humana e Agulha em Palheiro (Henrique Marques).

Em 1854 nasce-lhe um segundo filho, Nuno Castello-Branco. Nesse ano o romancista vai passar uma temporada em S. Miguel de Seide onde escreveu o *Amor de Salvação* (*Amor de Salvação*). Voltando ao Pôrto, aí viveu sucessivamente na rua do Sol (1864), na rua do Almada, na rua do Triunfo (1868), na rua de S. Lázaro onde o visitou o imperador do Brasil, (1872) e na rua de Bonjardim (1873). Em 1875 foi para Coimbra sob pretexto de fazer a educação litteraria dos filhos.

Viveu primeiro numa casa dos Arcos de S. Bento e depois noutra da rua Larga.

Nesse largo período que vai de 64 a 75 publicou :

A filha do dr. Negro, No Bom Jesus do Monte, Vinte Horas de Liteira, Divindade de Jesus e Tradição Apostolica, Esboços de apreciações litterarias, O esqueleto, Horas de Paz, Lucta de gigantes, O morgado de Fafe amoroso, A sereta, A Enzeitada, O Judeu, O Olho de vidro, A Queda de um anjo, O Santo da Montanha, Vaidades irritadas e irrimies, A bruxa do Monte Cordova, A Doida do Candal, Caver em Ruínas, Cousas leves e pesadas, O sur. do Paço de Ninões, Mosaico, Mystérios de Fafe, O retrato de Ricardina, O Sangue, As virtudes antigas, Os Brilhantes do Brasileiro, D. Antonio Alves Martins, O Condemnado, A mulher fatal, Theatro comico, Voltareis, ó Christo?, O Carrasco de Victor Hugo José Alves, Livro de Consolação, Quatro horas

innocentes, A Espada de Alexandre, Mata-o ou elle te matará, O Visconde d'Ouguella, Scenas Innocentes da Comedia humana, O Demonio do Ouro, ao Anoitecer da Vida, Correspondência epistolar, Noites de Insomnia, O Regicida, A Filha do Regicida (Henrique Marques).

Desde esta época (1875) Camilo recolheu a S. Miguel de Seide (Alberto Pimentel). Mas a doença nervosa que o persegue não o deixa parar um momento. Vai ao Pôrto, à Póvoa de Varzim, a Braga, a Guimarães, voltando sempre mais descorçoado e mais convencido da impossibilidade de arranjar sossêgo.

Em 1877 morre tísico na Póvoa de Varzim Manuel Plácido, filho de D. Ana e Pinheiro Alves.

Camilo que muito o estimava soffreu um grande abalo.

Entretanto obrigado da necessidade ia remando sempre na galé das letras pátrias:

Depois de 1874 publicou ainda:

Novellas do Minho, Curso de litteratura, Cancioneiro Alegre, Os criticos do Cancioneiro, Sentimentalismo e Historia, Suicida, Luiz de Camões, Historia e Sentimentalismo, Echos humoristicos do Minho, A Senhora Rattazzi, Perfil do Marquez de Pombal, Narcoticos, A Brazileira de Prazins, D. Luiz de Portugal, Questão da Schemia, O General Carlos Ribeiro, O Vinho do Porto, Maria da Fonte, Seroens de S. Miguel de Seide, Bohemia do Espirito, A dijjamação dos livreiros, Esboço de Critica, Vulcoens de Lama, Nostalgias e Delicias da Mocidade (Henrique Marques).

Em 1885 é agraciado com o título de Visconde de Correia Botelho e as côrtes decretam que seja isento do pagamento de direitos de mercê.

A cegueira, evidenciação periférica de uma selerosse mielencefálica (Sousa Martins, apud Alberto Pimentel), que de há muito o andava ameaçando, e cujos primeiros pronúncios sentiu no cárcere, roubou a Camilo o esteio do trabalho.

Em 1889 é concedida pelas câmaras a pensão anual de um conto de réis a Jorge Camilo em reconhecimento dos serviços prestados por seu pai às letras pátrias.

Finalmente em 1 de Junho de 1890, pelas três horas e um quarto da tarde, o grande escritor rematava

a carreira de sua vida com um tiro de revólver no parietal direito.

Assim foi dormir o sono eterno da morte aquele para quem já descera a eterna noite da cegueira.

Assim foi descansar do constante labutar de 40 anos aquele que foi o maior de todos os que escreveram e escrevem português.

Aqui deixo bosquejados muito em escôrço os principais traços da acidentada biografia de Camilo.

Quisera eu que me sobrassem espaço e tempo para poder escrever do alto valor de suas obras e inconfundível individualidade literária. Ambos, porém, me escasseam e tenho de limitar-me a pouco.

As suas primeiras composições não denunciavam a futura glória.

Os poemetos que escreveu em 1845 estão imensamente distantes dos sonetos *Epilogo* ou *Na maior dôr humana*; o drama *Agostinho de Ceuta* não fazia prever *O ultimo acto* que arrancou lágrimas ou o *Morgado de Fafe* que manteve a platea em gargalhada constante; entre *O Caleche*, folhetim anti-cabralista, e *Os criticos do Cancioneiro* cava-se um abismo, e entre o *Anathema* e *A Brasileira de Prazins* há outro abismo ainda maior.

Mas o talento apurado peia necessidade e pela desgraça deu de si esta coisa estupenda: a produção de cento e trinta volumes num crescendo de perfeição, que ninguém sabe onde iria se a amaurose não vem estender um veu negro sôbre aquela luminosa inteligência.

Quando o seu espírito mais propendia a satirizar, saíam-lhe da penna *Os Brilhantes do Brasileiro* ou as *Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado*.

Quando era a história que o solicitava, escrevia *O Judeu* ou essa espantosa trilogia de *O Regicida*, *A Filha do Regicida* e *a Caveira da Martyr*.

Quando um ataque de religiosidade lhe invadia o espírito, apareciam as *Lagrímas abençoadas* ou *O Bem e o Mal*, e se alguém o agridia, muito de leve que fôsse, vinha *A questão da sebenta* ou *Os criticos do Cancioneiro* ou o *Modelo da Polemica Portugueza*.

Camilo foi essencialmente um impulsivo nos actos

da sua vida. Estas últimas produções, as de polémica, exuberantemente o demonstram.

Hoje fez-se em volta da sua obra um vasto silêncio. É o começo da admiração. Os aplausos ainda não vieram, porque muitos dos desajudadamente zurdos estão vivos; mas cedo virão. No entanto é bom dizer que os discursos são e o grande mestre ainda apparecem de vez em quando. Assim, o sr. Teófilo Braga diz na «Encyclopédia Portuguesa» que *a frequencia da Academia Polytechnica deu a Camillo a tintura scientifica que realça entre as locuções populares dos seus variados romances.*

Ou uma desgraçada sina trás o sr. Teófilo a dizer asneiras numa idade em que elas ficam já demasiado mal, ou eu não sei como explicar esta casualidade de ter saído duas vezes da minha mais que humilde obscuridade e encontrar em ambas elas, atravancadas no meu caminho, as tolices do sábio.

Esta, nem me detenho a comentá-la.

*
* *
*

Tendo posto um ponto por baixo das linhas que precedem, fui-me ao cemitério da Lapa a visitar a tua campa.

Lá estava, ao fundo da triste rua areada, a pedra de mármore com a coroa de Visconde e o nome do escritor.

Deus me é testemunha de que chorei ao ver-te como sempre tam só, tam desamparado no jazigo de Urbino.

No Porto, em Março de 1902.

JOÃO DE MEIRA.